Pe. Francisco Rebelo, ssp

A caminho de Belém...

Guiados pelo Anjo

PAULUS

NATAL: MISTÉRIO DIVINO NO MEIO DOS HOMENS A CULTURA E AS CONTRADIÇÕES

O Natal ocupa um lugar singular na experiência cristã e na história cultural do Ocidente. No seu núcleo mais íntimo encontra-se o mistério maior do Cristianismo: o Deus infinito que aceita a fragilidade de um menino, a transcendência que Se faz proximidade, o Criador que entra na história não pelo poder, mas pela vulnerabilidade. A Encarnação não é apenas um episódio narrativo da fé cristã; é a sua chave de interpretação. Tudo o que o Cristianismo afirma sobre a dignidade humana, o valor da vida, a compaixão, a hospitalidade e o cuidado dos mais frágeis nasce desse gesto radical de Deus que escolhe nascer pobre, dependente, à mercê dos homens.

Em torno deste mistério foi-se acumulando, ao longo dos séculos, uma vasta quantidade de práticas, símbolos e hábitos que se tornaram tradições universais e outras próprias de cada nação. Paradoxalmente, o Natal tornou-se, para muitos, um fenómeno essencialmente social, económico ou sentimental. Reduzido, muitas das vezes a um momento de reunião e de encontro familiar, de sensibilização a um espírito idealista e abstrato de fraternidade, ao consumo intensivo, acaba por se esvaziar do seu sentido original. Até aqui trata-se de um processo antigo de secularização. Porém, nas últimas décadas, foi surgindo um movimento de práticas pouco ou nada cristãs que procura cancelar os sinais cristãos da esfera pública, atribuindo esse ónus à desculpa de evitar uma hipotética ofensa a quem professa

outras religiões, nada tendo a ver com o facto de a cultura europeia ter na sua raiz a matriz judaico-cristã. Torna-se, assim, preocupante a fase atual, marcada por uma lógica de cancelamento que não se limita a relativizar o Natal, mas procura ativamente expurgá-lo do espaço público, apagando referências explícitas à sua origem cristã, como se o simples reconhecimento do mistério da Encarnação fosse uma ameaça à convivência plural.

Esta atitude revela uma contradição profunda. Em nome de uma suposta neutralidade cultural, elimina-se aquilo que, historicamente, fundou valores hoje apresentados como universais. Numa intervenção sobre o Natal, em 22 de dezembro de 2025, o Papa Leão XIV denunciava esta tentação de impor uma ideologia de cancelamento sobre o Natal e sobre as expressões da fé cristã, advertindo que uma sociedade que apaga as suas raízes espirituais não se torna mais inclusiva, mas mais pobre, porque perde as fontes simbólicas que sustentam o respeito, a solidariedade e a esperança, ao dizer que «há também o risco de cair na rigidez e na ideologia, que acabam por reduzir a realidade a esquemas abstratos e impedem o encontro vivo com Cristo. Quando a fé é relegada ao âmbito privado ou considerada apenas um resíduo cultural do passado, perde-se uma fonte essencial de humanidade, de esperança e de fraternidade». No fundo, uma sociedade que renega a sua herança simbólica fragiliza os próprios valores que pretende universalizar.

A mesma lucidez esteve presente na homilia da noite de Natal de 2025, de D. Rui Valério, Patriarca de Lisboa, ao sublinhar a incoerência de se querer "anular" o Natal em nome do respeito pelos imigrantes não cristãos quando afirmou que «em alguns contextos da

nossa sociedade, procura-se apagar ou silenciar o Natal no espaço público — nas escolas, em instituições civis — com o argumento de não ferir sensibilidades de quem não partilha a fé cristã. A intenção pode parecer inclusiva, mas é preciso dizê-lo com clareza e serenidade: esvaziar o Natal é esvaziar a própria matriz humanista que tornou Portugal uma terra de acolhimento, de dignidade e de oportunidades. Estes valores não são uma ameaça a quem chega; são precisamente a razão pela qual tantos chegam. Retirar do espaço comum o presépio de Belém — símbolo do acolhimento da vida frágil, da família pobre, do Deus que Se faz próximo — é correr o risco de transformar Portugal num território funcional, mas sem alma, eficiente, mas sem coração, organizado, mas incapaz de ser porto de abrigo».

É precisamente do mistério do Natal que brota a cultura do acolhimento, da hospitalidade e do reconhecimento do outro como irmão. Não foi apesar da Encarnação, mas por causa dela, que o Cristianismo gerou uma visão do ser humano que ultrapassa fronteiras étnicas, religiosas e culturais.

Retirar ao Natal a sua dimensão divina não é um gesto de respeito, é um empobrecimento simbólico e real. Cancelar o Natal não protege ninguém, antes priva a sociedade de uma das suas narrativas mais fecundas de humanidade. O Deus que Se fez menino continua a ser, hoje como ontem, um escândalo para o poder e uma provocação para as ideologias — mas também uma fonte inesgotável de sentido para quem acredita que a verdadeira grandeza nasce da fragilidade assumida e do amor oferecido.

Assim, o apagamento do Natal revela-se menos como um gesto de neutralidade e mais como um empobrecimento não apenas religioso e simbólico, mas

também social, familiar e cultural, que ignora a profundidade histórica e antropológica do mistério que lhe dá origem. O Deus que Se fez menino continua a ser incómodo — não por excluir, mas por exigir coerência, memória e verdade. E talvez seja isso que mais custa.

Pe. Francisco Rebelo, ssp

INTRODUÇÃO

Este livro procura ser um pequeno guião de reflexão e oração, pensado para ser rezado lentamente, em silêncio, em grupo ou em família. Cada capítulo corresponde a um episódio narrado pelos Evangelhos em que o Anjo intervém, visivelmente ou em sonho. A sua estrutura repete-se de forma intencional: Palavra proclamada, Leitura contemplativa, Atualização para o nosso tempo e Oração final. Assim, todos podem rezar com facilidade, em família, na animação litúrgica ou na catequese.

O Anjo não fala apenas no passado: continua a acompanhar o caminho da Igreja, convidando-nos a avançar com confiança. Também nós queremos, inspirados pelo Anjo, chegar a Belém com o coração desperto e disponível para acolher o Deus connosco.

Com o que somos e o que temos percorramos este itinerário espiritual. Que seja uma pequena fonte de luz para irmos ao encontro do Salvador que, de antemão, nos vem procurar sempre.

ÍNDICE

Natal: Mistério divino no meio dos homens
A cultura e as contradições | 5

Introdução | 9

I. Quando o silêncio se torna anúncio | 11
II. O "sim" que nasce da fé | 17
III. O sonho da missão de José | 23
IV. Os homens de boa vontade
da noite de Natal | 31
V. O novo caminho do regresso a casa | 37
VI. A noite da proteção | 43
VII. O regresso à humildade | 49

Conclusão | 55

Apêndice
Os Anjos: uma presença discreta de Deus
na Bíblia e na Tradição da Igreja | 57